



Data: 14.09.2020

Titulo: Pandemia é gatilho para "repensarmos a escola"

Pub:

QuickCom
comunicação integrada

Tipo: Jornal Nacional Diário

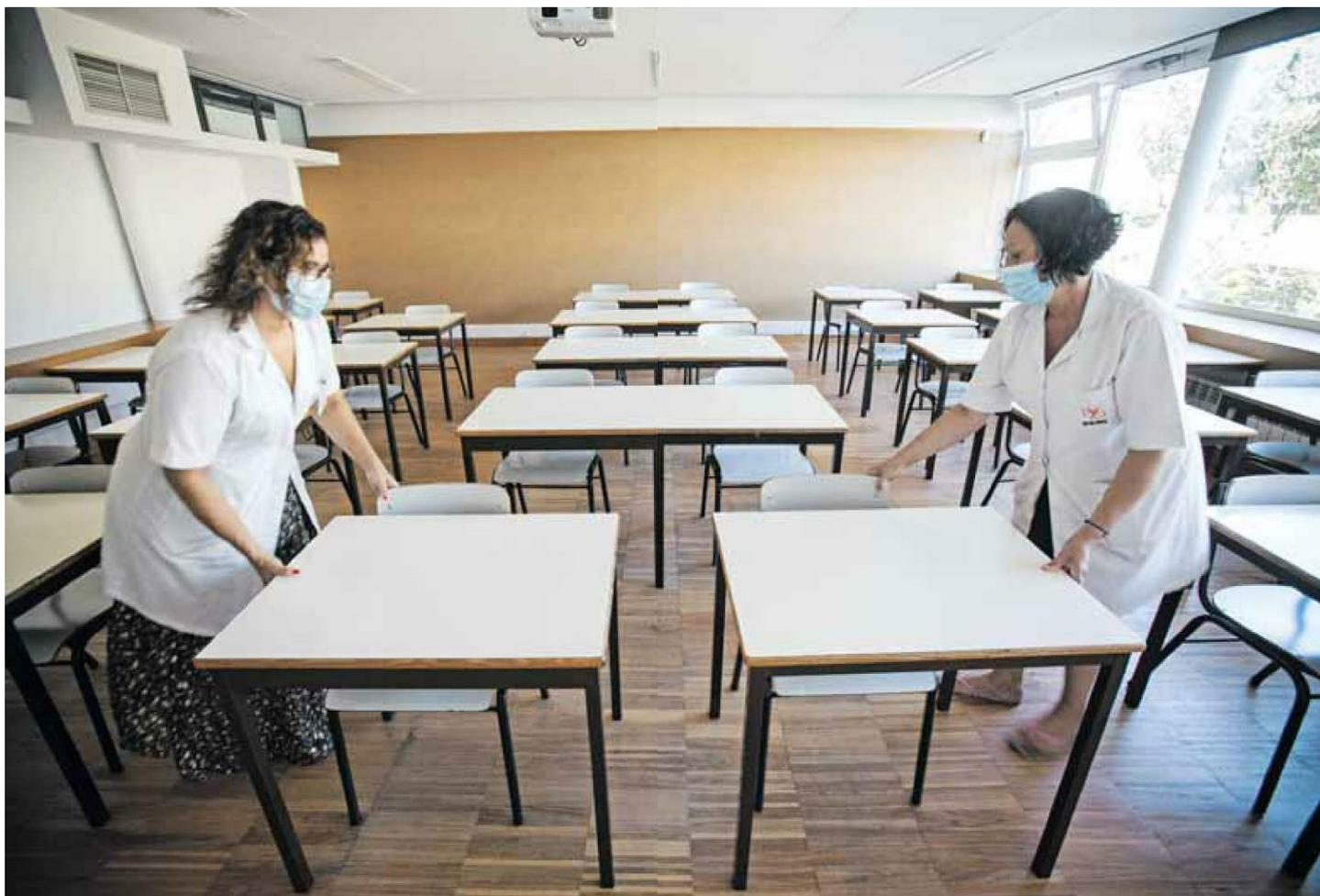
Secção: Nacional

Pág: 2;3

RENTRÉE

Pandemia é gatilho para "repensarmos a escola"

As escolas abrem gradualmente a partir de hoje



Área: 1102cm² / 58%

FOTO Tiragem: 72.253

Cores: 4 Cores

ID: 6941259

Durante o confinamento, os alunos gostaram de gerir melhor o seu tempo e trabalharam mais. Numa semana em que cerca de 1,3 milhões de alunos regressam às aulas, estas são pistas para repensarmos a escola, defendem investigadores

Natália Faria

Os alunos portugueses são dos que menos gostam da escola, demonstram-no vários estudos anteriores à pandemia. Dos que se sentem mais cansados e mais stressados, sobretudo com as notas, também por terem das cargas lectivas mais pesadas num conjunto de 42 países analisados pela Organização Mundial da Saúde (OMS). E agora, inquiridos durante o confinamento, um dos aspectos que apontaram como positivos foi a possibilidade que lhes foi dada de gerir melhor o seu tempo. “Disseram, logo à partida, que andavam muito menos exaustos”, aponta Margarida Gaspar de Matos, psicóloga, investigadora da Faculdade de Motricidade Humana da Universidade de Lisboa e coordenadora deste inquérito. Chama-se “A Voz dos Jovens”, foi conduzido por Cátia Branquinho, entre 14 de Abril e 18 de Maio, e permitiu ouvir 617 jovens entre os 16 e os 24 anos, devendo agora ser publicado no *Journal of Community Psychology*. E não se ouve nestes testemunhos o elogio da preguiça. “Os jovens até sentiram que trabalharam mais, a diferença foi que conseguiram gerir melhor o seu tempo e de forma mais autónoma. Se antes chegavam ao fim do dia tão cansados que nem lhes apetecia ir fazer mais uma pesquisa para a escola, durante o confinamento fizeram-no sem problemas”, explicita a investigadora, para concluir: a paragem forçada pela pandemia devia ser gatilho para repensarmos a escola.

“Os alunos portugueses sentem-se abalroados com uma quantidade de matéria. É algo que já sabíamos de estudos anteriores, e que o alívio que sentiram durante o confinamento veio confirmar”, exemplifica a psicóloga e investigadora, para quem este aspecto devia impor mudanças nesta semana em que quase 1,3 milhões de alunos começam a regressar presen-

cialmente às escolas públicas, do pré-escolar ao secundário, preparando-se para enfrentar um ano lectivo que, no caso do pré-escolar e do 1.º e 2.º ciclo se estende até 30 de Junho, e num cenário que é radical e compreensivelmente diferente do de anos anteriores. E porque a necessidade de travar a propagação do coronavírus vai rigidificar trajectos e comportamentos e conter manifestações de afecto, privando as escolas daquilo que os alunos mais declaram gostar, é importante que aquelas saibam contornar o problema.

“Se não conseguirmos evitar o carácter dramático e militarista deste regresso à escola, podemos estar a mergulhar numa pandemia de saúde mental”, avisa ainda Margarida Gaspar de Matos, atendo-se ainda às conclusões do inquérito que demonstrou que os alunos não sentiram falta das aulas mas da escola sim, sobretudo dos amigos. E conseguir incutir-lhes “a confiança, a segurança e a tranquilidade” essenciais ao seu bem-estar implica, desde logo, segundo a investigadora, que nesta primeira semana de regresso às aulas seja dado tempo aos professores para ouvirem os alunos, esquecendo por momentos a pressa em recuperar aprendizagens. “Os miúdos são os ‘utentes’ disto tudo e têm ideias de como é que hão-de fazer. Por isso, devem poder ser ouvidos, sobre o que foi, o que lhes faz falta, no que é que podem ajudar”, reforça a investigadora.

Pôr os adolescentes a ajudar

Claro que nada disto será possível se os currículos não forem depurados. “O secretário de Estado [adjunto e da Educação, João Costa] disse que os professores dos diferentes grupos disciplinares foram chamados a fazer um estudo das matérias e a separar o que é estruturante e o que é acessório. Isso pareceu-me óptimo, porque, se tivermos a matéria reduzida ao que é estruturante e útil para a continuidade do ensino, o professor

fica mais descontraído e mais livre, em vez de estar com aquele stress todo nas aulas”, sublinha Margarida Gaspar de Matos. “Se o professor tiver de dar a matéria em 78 rotações, para conseguir dar tudo numa carga horária que ainda por cima é reduzida este ano, o resultado será calamitoso”, enfatiza, reportando-se ao resultado de estudos anteriores que mostram que o menor gosto dos alunos portugueses pela escola decorre em grande parte do peso das avaliações, do excesso de matéria e da pressão dos pais face às notas.

Idealmente, as mudanças impostas pela pandemia deveriam assim ser usadas para “avaliar o stress avaliativo”, ainda segundo aquela especialista, para quem “o foco exagerado nas notas” desvia a escola da sua função primordial. “Se os alunos só trabalham para as notas, perdem o gosto por aprender. Sabemos que é idealista e romântico, mas as avaliações deveriam funcionar como uma aferição das aprendizagens e não como o seu objectivo único”, acrescenta, para reforçar a ideia de que, assegurada a leccionação da matéria basilar, as escolas têm mesmo de dispor de tempo para, revendo métodos e objectivos, funcionarem como locais onde os alunos se sentem acolhidos e tranquilos.

Consoante as idades, as estratégias a adoptar devem ser diferentes. “Com miúdos de cinco e seis anos, é fácil tornar as regras uma coisa lúdica, uma brincadeira para todos ganharmos ao vírus. E os pais também têm de ser capazes de conter a sua própria ansiedade e de não a passarem aos miúdos quando os deixam na escola”, sugere a psicóloga, acrescentando que aos “oito, nove ou dez anos, as crianças gostam naturalmente de fazer sentido do mundo e tendem até a ser demasiado rígidos nas regras, o que pode ajudar”. Quanto aos adolescentes, “o mais inteligente será chamá-los a participar na definição do que é que se vai



Data: 14.09.2020

Titulo: Pandemia é gatilho para "repensarmos a escola"

Pub:



Tipo: Jornal Nacional Diário

Secção: Nacional

Pág: 2;3



passar na escola”, preconiza. “Não devemos menosprezar a capacidade que o adolescente tem para nos surpreender na sua criatividade de ir contra o estabelecido. Nem estamos em condições de enfrentar um batalhão de adolescentes a pôr em causa as regras, pelo que o melhor será, por exemplo, chamá-los a participar na definição das regras e, por exemplo, a monitorizar e a ensinar os mais pequeninos”, conclui.

nfaria@publico.pt

3 PERGUNTAS A MANUEL PEREIRA

Presidente da Associação de Dirigentes Escolares

Admitindo, como dizia a Fenprof, que haverá 12 mil professores com doenças que os colocam nos grupos de risco, haverá profissionais nas bolsas de recrutamento para os substituir?

Essa visão dos 12 mil professores é a visão mais pessimista. Há muitos professores que provavelmente pertencem aos grupos de riscos nos termos da lei, mas não quero acreditar que haja 12 mil a deixar de trabalhar alegando essa razão. Em todo o caso, iria ser muito complicado, porque não haveria professores, nomeadamente em alguns grupos disciplinares. No ano lectivo anterior, em Novembro, já não havia professores, nomeadamente na disciplina de Geografia na Grande Lisboa.

Que avaliação faz das escolas em termos de funcionários, dadas as tarefas acrescidas que decorrem da necessidade de higienização dos espaços?

Na maior parte dos casos, quem vai ocupar esse lugar são as pessoas que já estavam nas escolas com contratos precários. O senhor ministro disse publicamente que existe uma bolsa de recrutamento de assistentes operacionais para processos de substituição. Efectivamente, isso não é mentira, mas também não é verdade, isto é, esta bolsa existe naquelas escolas que tiveram autorização para abrir concurso para assistentes operacionais. Para

estas, a autorização que existe é que poderão ser contactadas as pessoas que estão na lista de pessoas que concorreram e que não foram colocadas para virem substituir os que estão em falta. Mas é só isso que existe. E só para as escolas que abriram concurso. E para as escolas que são da responsabilidade das autarquias, que são mais de um terço a nível nacional, não há bolsa nenhuma.

E a revisão da portaria que estabelece o rácio dos assistentes operacionais poderá abrir a porta a novas contratações?

Esse é um longo problema. A portaria já foi alterada há uns anos, mas a verdade é que as escolas não ganharam muito com essas alterações. A última alteração melhorou um pouco, garantindo que cada jardim-de-infância com um determinado número de alunos possa ter um assistente operacional. Mas a verdade é que a portaria dos rácios parece feita por pessoas que só conhecem as escolas de Lisboa. Se tiver 400 alunos no 1.º ciclo todos no mesmo edifício, de acordo com a portaria, posso ter 12 assistentes operacionais. Mas se tiver esses mesmos 400 alunos espalhados por oito centros escolares, que é o caso do meu agrupamento, no interior do país, tenho direito ao mesmo número de assistentes. A diferença é que, em vez de uma, tenho oito escolas para abrir e fechar. **N.F.**



“Quando faltarem zero dias para ir para a escola, vou sair da cama a correr”

Berta Berton, 15 anos
10.º ano, Escola Secundária de
Cacilhas-Tejo, Almada

Vou para o 10.º ano e estou um pouco nervosa, vai ser uma mudança de tudo: novo ano, nova escola, mais as novas regras. Vou fazer novos amigos e não posso cumprimentá-los, estar com eles normalmente, é estranho. Não

conhecia a escola e fica mais longe da minha casa. Irei sempre de metro. Eu nem me vou

sentar, vou sempre de pé! Se o metro estiver cheio de gente, tenho de entrar na mesma, não tenho outra opção. Estou um bocadinho nervosa em relação a isso, não me posso atrasar e terei de me levantar mais cedo. Acho que vai ser difícil para os professores estarem sempre de máscara. Tenho de desinfetar as mãos, evitar partilhar materiais, comida, tudo! Para mim, acho que vai ser difícil porque gosto muito de estar com as pessoas, sou muito afectiva, gosto de tocar, vai custar-me muito. Eu estava sempre com muita gente e isso mudou.



Carolina Vilela, 11 anos
6.º ano, EB Dr. Joaquim
de Barros, Oeiras

Cá em casa vamos todos regressar às aulas. Os meus pais são professores e o meu irmão vai começar agora a faculdade. Só tenho algum medo de apanharmos o coronavírus e de passarmos à minha



avó, que vive connosco. Quando soube que ia voltar à escola, fiquei feliz. Eu começo todos os anos entusiasmada, porque gosto das aulas, mas este ano vai ser estranho. Estar com máscara, sempre a desinfetar as mãos... Não gosto muito de estar com máscara. Faz embaciar os óculos, e dificulta-me a respiração. Também acho que vai ser mais difícil perceber quando os outros estão tristes ou contentes, não vai dar para ajudar. Eu vou para a escola a pé com uma amiga minha que mora perto de mim. Vamos tentar ir sempre pelo lado onde há menos gente.

Tiago Martinez, 8 anos
3.º ano, Centro Escolar

da Gandra, Maia

A minha escola é mesmo em frente da minha casa, mas este



ano vai haver muitas coisas diferentes. Tenho duas máscaras do FC Porto, duas azuis e duas pretas. A minha mãe quer que eu tente usar, mas faz comichão e calor. Os meus pais são os dois enfermeiros. A minha mãe vai-me dar uma bolsinha com três partes para eu guardar as máscaras limpas, as usadas, o gel e lenços para o nariz. Já sei que futebol não vai haver e educação física também vai ser diferente. Não posso levar a minha mochila, os livros ficam na escola, levo só a lancheira. Não sei como vai ser para trazer os trabalhos de casa!

Nos intervalos quero correr, correr mais! Mas não sei se podemos jogar ao “mata”. Só se cada um tiver a sua bola, atira e vai buscar. Mas sei que também não vou poder ir à biblioteca e ainda tenho um livro para devolver! Quando faltarem zero dias para ir para a escola, vou sair da cama a correr.